

A escritora canadense Anne Carson recebeu o Prêmio Nobel de Literatura 2026. Segundo a academia, a escolha se deve à sua “obra ousada e inventiva que, em diálogo lúdico com a tradição clássica, criou novas formas para a literatura contemporânea”. Considerado a obra mais conhecida de Anne Carson, **Autobiografia do Vermelho: Um romance em versos** reinventa um mito da Grécia Antiga a partir de fragmentos de um poema do poeta grego Estesícoro, que viveu no século VI a.C. Na narrativa original, Gerião é um monstro vermelho a quem Hércules (ou Hércules, como é mais conhecido) precisa exterminar para cumprir um de seus doze trabalhos. Na releitura de Carson, ambientada nos tempos atuais, Gerião é um jovem sensível que vive uma relação amorosa com Hércules, que está destinado a destruí-lo. Com forte influência da literatura e da mitologia da Grécia Antiga, a obra de Carson abrange poesia, prosa e ensaio, além de traduções de textos antigos do grego clássico, que foram reconhecidos pelo Nobel como “obras independentes por si só”. Nascida em Toronto, em 1950, a autora tem mais de 20 publicações entre livros de poesia, ensaios e traduções.



A Casa Brasil, na Pequena África, abre o evento **Dançar Diante da Lua**. Com curadoria de Marcelo Campos, José Eduardo Ferreira Santos e Vilma Santos, e expografia de Gisele de Paula, a exibição leva ao edifício neoclássico a produção do Acervo da Laje, coletivo do Subúrbio Ferroviário de Salvador. A exposição promove uma ocupação artística e cultural na Casa Brasil. A mostra reúne obras e registros de diferentes artistas e acervos brasileiros. A exposição propõe uma abordagem que articula arte, memória, identidade e questões sociais. A partir de uma perspectiva decolonial, a mostra busca tensionar a relação entre a memória histórica do território e a arquitetura neoclássica do edifício que abriga a Casa Brasil. A proposta é colocar em evidência diferentes formas de representação das brasilidades e contribuir para uma reflexão sobre a formação cultural do país, marcada pela diversidade de povos, experiências e identidades. A exposição também aborda temas relacionados à soberania popular, à memória e à inclusão social.

Casa Brasil - Rua Visconde de Itaboraí, 78, Centro.
Terça a domingo - Das 10h às 17h. **GRÁTIS.**
Até 15 de novembro. <-



Um filme com ar distópico e assustador por conta das semelhanças com a realidade, **O Aniversário** (*Anniversary: mudança radical*), todo rodado na Irlanda, apresenta uma fotografia impactante e sombria, escalando a tensão na construção de um clima de desconforto, sobretudo no cenário principal da trama, a casa dos pais, potencializando inúmeras provocações que são muito mais do que sugeridas. Em um primeiro momento, a produção já chama a atenção pelo ótimo elenco: **Diane Lane** como Ellen Taylor, **Kyle Chandler** como Paul Taylor, **Zoe Deutch** como Cynthia Taylor, **Dylan O'Brien** como Josh Taylor, **Phoebe Dynevor** como Elizabeth (Liz) Nettles, **Madeline Brewer** como Anna Taylor, **Mckenna Grace** como Birdie Taylor e **Daryl McCormack** como Rob Thompson. Dirigido por **Jan Komasa**, que consegue construir um olhar sociológico contundente, assim como fez anos atrás no aclamado *Rede de Ódio*, com uma mensagem que chega de forma limpa a todo mundo que está disposto a debater muito além das questões democráticas, mas também sobre as questões morais que permeiam o planeta. No roteiro, escrito pelo diretor e por **Lori Rosene-Gambino**, nada é por acaso: cada peça é um símbolo de representação do que vemos hoje pelo mundo, com o avanço de uma extrema-direita sugerindo, de forma escancarada, danos terríveis à democracia.

Disponível no **Prime Video**. <-



Você Sabia?

Você sabia que os Arcos da Lapa e a rua da Carioca têm profunda ligação? O nome rua da Carioca tem origem no antigo chafariz da Carioca, construído no século XVIII, nas proximidades do atual Largo da Carioca, à época conhecido como Campo de Santo Antônio. A palavra Carioca está associada ao nome dado pelos indígenas ao local onde os portugueses se estabeleceram junto ao rio Carioca e tem origem no termo tupi *Kari'oka*, interpretado como *casa do homem branco*. A água do rio Carioca era conduzida por um aqueduto chamado *Arcos Velhos* — que ligava o morro do Desterro (atual morro de Santa Teresa) ao morro de Santo Antônio, e foi inspirado no Aqueduto das Águas Livres, que começava a ser construído em Lisboa. Concluído em 1723, levando as águas à Fonte da Carioca — chafariz erguido também nesse ano, que as distribuía à população no referido Campo de Santo Antônio (Largo da Carioca). Mas essa solução foi paliativa, pois havia reclamação de falta d'água atribuída á ação de quilombolas que quebravam os canos. O governador Gomes Freire de Andrade (1733-1763) determinou, em 1744, a reconstrução do aqueduto da Carioca. Desenhado pelo brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, o monumento recebeu a atual conformação e determinou que as águas fossem cobertas por abóbada de tijolos para evitar o seu desvio. Inaugurado em 1750, as águas brotaram aos pés do Convento de Santo Antônio, em um chafariz de mármore, através de 16 bicas de bronze. Mais tarde, essa água foi estendida, através da rua do Cano (atual rua Sete de Setembro), até ao Largo do Paço (atual Praça XV de Novembro), onde os navios vinham abastecer-se.

Vista do Aqueduto da Carioca (Leandro Joaquim, c. 1790).
A lagoa foi aterrada para a construção do Passeio Público. <-

